

O MOVIMENTO E SUAS IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Monografia apresentada para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil no Curso de Pós-Graduação em Educação Infantil, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^ª Sônia Guariza Miranda

CURITIBA

2002

Dedico este trabalho a todas as crianças brasileiras, em especial aos meus dois filhos, Mariana e Ricardo.

Crianças que serão o futuro da nação. Crianças que merecem atenção e carinho. Crianças que esperam algo a mais dos seus professores.

Algo a mais que espero poder estar contribuindo com uma pequena semente.

AGRADECIMENTOS

Ao Cláudio que sempre ao meu lado está seja qual for a escalada.

À Universidade Federal do Paraná por ter me oportunizado a escalada.

À professora e orientadora Sônia por ter me auxiliado na escalada.

SUMÁRIO

RESUMO	v
1 INTRODUÇÃO	1
2 O MOVIMENTO DA CRIANÇA NO RCN DE EDUCAÇÃO INFANTIL	4
3 ALGUMAS ABORDAGENS TEÓRICO - METODOLÓGICAS SOBRE O MOVIMENTO DA CRIANÇA	7
4 PROPOSIÇÕES CURRICULARES PARA EDUCAÇÃO INFANTIL QUE TOMAM COMO REFERÊNCIA O MOVIMENTO DA CRIANÇA	27
4.1 O MOVIMENTO E A CRIANÇA	27
4.2 O MOVIMENTO E A INSTITUIÇÃO DE ENSINO	30
4.3 O MOVIMENTO E O PROFESSOR	32
4.4 O MOVIMENTO E A FAMÍLIA	36
5 CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	43

RESUMO

O presente estudo aborda as implicações do movimento no período de zero a seis anos que compreende a Educação Infantil. Procedeu-se na primeira seção à análise do Referencial Curricular Nacional emitido pelo Ministério de Educação e Desporto do Brasil, que aponta o movimento como um dos eixos da Educação Infantil concedendo-lhe grau de importância semelhante à linguagem e à matemática anteriormente consideradas mais significativas do ponto de vista do amadurecimento neurológico que prepara a criança para a aprendizagem. Na segunda seção foram explicitadas, a partir das obras de Vitor da Fonseca, algumas abordagens teórico-metodológicas sobre o movimento da criança, notadamente as contribuições de Vygotsky, Lúria, Wallon. Piaget foi também analisado, ainda que na compreensão de que ele não é sócio-interacionista. O principal objetivo foi refletir, através de uma comparação entre o Referencial Curricular Nacional e alguns autores sócio-interacionistas citados por Vitor da Fonseca em várias de suas obras, sobre a real importância de uma proposta de um currículo que enfatize o movimento na Educação Infantil. O Referencial Curricular Nacional aponta algumas práticas hoje consideradas ultrapassadas que, por questões disciplinares mantinha seus alunos sentados nas carteiras por longos períodos e impediam que se movimentassem. Há algumas décadas a disciplina era, sem dúvida, um componente significativo na educação das crianças. Hoje o foco é o prazer em aprender, o que terá como consequência direta a atenção do aluno voltada para o assunto abordado no momento. O que os autores consultados concluem é que o movimento é responsável pela mielinização do cérebro, isto é, pelo amadurecimento do cérebro, e através desta importante colocação não se pode mais questionar o uso ou não de atividades motoras, principalmente na Educação Infantil que é o contexto para o qual estamos dirigindo este estudo. Na terceira seção apresenta-se um conjunto de proposições curriculares para a Educação Infantil que tomam como referência o movimento da criança. Estas proposições são fruto das reflexões da autora a partir das referências teórico-metodológicas contidas neste trabalho, bem como a partir da sua experiência prática na área, sempre levando em conta a compreensão da criança enquanto sujeito histórico-social. Assim, na conclusão, aponta-se para um currículo a Educação Infantil que privilegie o movimento, enquanto objetivação histórico-social, trazendo repercussões importantes no desenvolvimento global da criança.

1 INTRODUÇÃO

Desde o primeiro momento da sua existência o ser humano é marcado pela sua relação com o outro. Sua estrutura genética vai sendo moldada e mapeada, tornando este corpo, anteriormente sem marcas, um corpo histórico, construído através de um processo de inter-relação entre o eu, o outro e o mundo. Assim, ele vai se desenvolvendo como um ser uno, único e global.

Em determinado momento da sua história ele é matriculado em uma escola, e na maioria dos casos, permanece durante anos sentado em carteiras tradicionais tendo em sua frente inúmeras atividades com as mais diversas fontes de motivação e estimulação visual. Os pais se demonstram extasiados com a metodologia tão rígida e tão eficiente deste tipo de instituição de ensino e, assim, os nossos educandos vão sendo formados.

Durante os quatorze anos como psicóloga e coordenadora em instituições escolares é esse panorama que tenho presenciado em todas elas onde atuei, principalmente nas de Educação Infantil. Para o intelecto tudo, para o corpo, nada. Algo semelhante à concepção dualista do sujeito que o fragmenta em corpo e mente.

Paralelamente a este primeiro panorama surge o fato de que a alfabetização, por uma elitização da educação particular, passa a ser função da Educação Infantil e não mais do Ensino Fundamental, que aplica inclusive testes, como critério de acesso. Esse fato provocou, nas últimas décadas, uma competição entre as instituições escolares particulares que atraem os seus clientes utilizando este “slogan” para a infelicidade dos nossos educandos. Assim, mais e mais atividades eram necessárias para alfabetizar. Diminui-se o tempo do recreio, pois nessas instituições a primazia é a escolaridade acadêmica intelectual.

Observando as prioridades que os pais trazem consigo quando na visita para a escolha de uma escola para seus filhos, constato que existe uma demanda da sociedade em termos de itens oferecidos nas instituições de Educação Infantil. As preocupações giram em torno das aulas diferenciadas oferecidas (inglês, informática, ballet, judô, natação) como também a procedência e a qualidade do material didático utilizado. São raras as vezes em que questionam sobre a existência da educação física, do movimento ou do tempo ofertado para o recreio (intervalo livre), assim como a metodologia pedagógica utilizada. Dessa maneira vai-se dirigindo a Educação

Infantil para um perfil que está longe de ser aquele solicitado pelo RCN (Referencial Curricular Nacional) de Educação Infantil (1998, 3º vol: 07), que coloca como um dos eixos o movimento, ao lado da linguagem, da matemática, conferindo à ele um patamar semelhante em importância. Para o RCN, a educação não está mais limitada à transmissão de conhecimentos, é agora algo muito mais abrangente do que isto, embora os pais não tenham este conhecimento.

O avanço da tecnologia traz mais dois inimigos implacáveis para o movimento da criança: a televisão e o videogame. A primeira, poderia ser, se tivesse uma boa programação, uma incentivadora da fantasia e da cultura para os nossos educandos. Mas, infelizmente, com muito pouco pode contribuir para a formação dessas áreas levando-se em consideração os programas que estão à disposição nos horários em que as crianças estão diante dela. O videogame, na minha maneira de ver, só contribui para o sedentarismo e/ou para o incentivo à violência.

O crescimento das cidades provocou o surgimento dos prédios residenciais e com eles o espaço restrito para o desenvolvimento de brincadeiras infantis. Juntamente com todas as mudanças da sociedade o aumento da violência urbana recolheu nossas crianças para dentro dos apartamentos, distraído-se com os jogos eletrônicos e a televisão.

Em um novo século que se inicia, as nossas crianças não podem mais estar com seus vizinhos pulando corda e jogando futebol. Não podem mais estar correndo livres nas ruas e subindo nas árvores para buscar uma fruta. E quando chegam à escola são relegadas às atividades escritas presas em suas carteiras.

O presente estudo foi constituído voltado a uma reflexão acerca da real importância do movimento na etapa da Educação Infantil (0 a 6 anos) buscando focar as consequências desta nova maneira de viver e educar contemporânea.

O norte deste estudo é refletir a partir do Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil e de diversos autores que abordam a motricidade, e as consequências de uma era que tem se preocupado tão pouco com o desenvolvimento motor de suas crianças.

Esta monografia está estruturada em três seções. Na primeira propõe-se a buscar o que diz o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil acerca deste assunto, já que este coloca o movimento como um dos eixos a serem abordados pelos professores. Na segunda analisar-se-á o que dizem alguns autores,

consagrados pela visão de Vitor da Fonseca, que abordam este assunto. Elaborar um conjunto de proposições curriculares para a educação Infantil que tomem como referência o movimento da criança, é o objeto da terceira seção.

2 O MOVIMENTO DA CRIANÇA NO RCN DE EDUCAÇÃO INFANTIL.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCN) integra a série de documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais elaborados pelo Ministério da Educação e do Desporto do Brasil. Este material é complementar à nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96). Nele há um capítulo inteiramente dedicado ao movimento do qual retiro algumas considerações.

Neste documento oficial, considera-se que ao se movimentarem desde o seu nascimento, as crianças vão conquistando cada vez mais o controle sobre seu corpo e apropriando-se das inúmeras maneiras de interagir com o meio que as cercam. Assim, vão experimentando todas as possibilidades de movimentos que as levarão a um conhecimento mais profundo do seu corpo.

Movimentando-se a criança estará expressando sentimentos, emoções, pensamentos e aumentando as possibilidades da utilização de gestos e posturas corporais. Desta maneira, o movimento adquire uma dimensão mais profunda do que meramente o deslocamento no espaço e passa a ser uma linguagem através da qual as crianças possam agir sobre o espaço e as pessoas que a rodeiam.

Através dos movimentos das brincadeiras e jogos, as crianças terão oportunidade de apoderar-se do repertório da cultura corporal da qual fazem parte, pois a maneira como executam os movimentos está diretamente relacionada à sua interação social. As necessidades, interesses e possibilidades corporais humanas estão presentes nas diversas culturas e passando de geração a geração durante muitas décadas de história.

Através do movimento pode-se perceber a diversidade de recursos expressivos presentes em cada cultura. Observam-se variações importantes de expressões faciais, gestos e posturas corporais, assim como a todo os significados atribuídos a eles.

“É muito grande a influência que a cultura tem sobre o desenvolvimento da motricidade infantil, não só pelos diferentes significados que cada grupo atribui a gestos e expressões faciais, como também pelos diferentes movimentos aprendidos no manuseio de objetos específicos presentes na atividade cotidiana,...” (RCN, 1998: 19).

Constatamos, então, que o trabalho com o movimento proporciona à criança um vasto desenvolvimento da motricidade tanto no que se refere às posturas corporais como na ampliação da cultura corporal.

Mas, na prática educativa não é raro encontrarmos posturas que, em nome da ordem e da harmonia, suprimem o movimento através de rígidas restrições posturais. Qualquer movimento pode ser visto como desordem ou indisciplina, se romperem com a lógica de determinadas culturas disciplinadoras. Esta postura pode estar baseada na idéia de que estas manifestações impedem a concentração e a atenção interferindo na aprendizagem. Porém sabe-se que o que ocorre é justamente o contrário. A impossibilidade de movimentar-se pode resultar em dificuldades na atenção e no pensamento, já que o papel dos gestos e da postura é determinante para o desenvolvimento da percepção infantil. Além do mais, um clima de hostilidade por parte do professor que insiste em conter e controlar as manifestações motoras infantis, pode levar a criança a uma atitude de passividade.

Outra postura bastante comum encontrada em instituições de Educação Infantil, é aquela que utiliza também o silêncio e contenção de movimentos, além de empregar recursos didáticos onde a criança é obrigada a movimentar-se desde que em estrita conformidade a determinadas orientações. Este tipo de postura além de limitar as possibilidades de expressão da criança, inibe sua iniciativa, desvalorizando suas descobertas e os desafios que ela poderia encontrar de forma mais natural.

Para a criança pequena o movimento significa muito mais do que estar mexendo determinadas partes do seu corpo ou deslocar-se no espaço. Ela utiliza-se do corpo para se comunicar, se expressar e explorar o mundo. E neste sentido, o adulto tem o papel daquele que irá interpretar o significado destes movimentos, e, assim, satisfazer suas necessidades. Este diálogo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança, constitui-se um espaço privilegiado de aprendizagem, pois através dele se desenvolverá diversas capacidades de apropriação de conhecimento. Esta dimensão subjetiva do movimento é a primeira função do ato motor e está ligada à expressão. Permite que desejos, estados íntimos e necessidades se manifestem. O corpo serve de instrumento para expressar o estado íntimo, e isto não é privilégio dos bebês e das crianças. No adulto também se observa a utilização de movimentos corporais que auxiliam na expressão de estados psíquicos diversos.

Observando um bebê, constatamos que ele dedica a maior parte do seu tempo na exploração corporal e no efeito que seu corpo exerce sob os objetos. Essas ações vão delineando os limites e a unidade do seu próprio corpo que constituirão mais tarde, a sua consciência corporal.

Posteriormente, o bebê irá adquirindo outras capacidades, como a de sustentação do próprio corpo, vivenciadas através de ações como virar-se, rolar, sentar-se, arrastar-se, engatinhar e mais tarde, locomover-se.

Mais tarde, a dimensão subjetiva dará lugar a dimensão objetiva, onde a criança já dispõe de instrumentos para agir sobre o espaço e meio físico. Nesta fase, suas capacidades vão se desenvolvendo e ela irá ganhando autonomia em relação aos adultos assim como se torna mais independente sobre o mundo que a circunda.

A locomoção somada ao amadurecimento do Sistema Nervoso, dá à criança uma grande independência para explorar o espaço que a cerca e assim vai aprendendo a adequar seus gestos e movimentos às suas intenções e às demandas da realidade. Surgem também os gestos simbólicos onde a imitação ao adulto desempenha um importante papel.

Após os quatro anos a criança possui um repertório significativo de gestos instrumentais, os quais contam com progressiva precisão. O movimento agora submete-se ao controle voluntário e a criança já se demonstra capaz de planejar e antecipar ações.

Em suma, espera-se que a Educação Infantil, norteadas pela nova Legislação da Educação, vise os seguintes objetivos: estar atenta para a importância de se desenvolver, paralelamente às situações planejadas de movimento, diferentes significados atribuídos pelos familiares e pela sociedade; promover um ambiente no qual as crianças sintam-se seguras para se arrisquem vencendo desafios para que possam ampliar seus conhecimentos acerca de si mesmas, dos outros e do meio em que convivem; e, permitir a expressão de desejos e sentimentos.

3 ALGUMAS ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE O MOVIMENTO DA CRIANÇA.

Vitor da Fonseca desenvolveu uma série de obras cujo objeto essencial são as teorias psicomotoras do homem. Estas obras se inserem numa continuidade de estudos e pesquisas que tiveram início por volta de 1969 no Instituto Superior de Educação Física onde foi diretor. Buscando compreender a totalidade biopsicossocial do ser humano, Fonseca faz uma trajetória orientada para os problemas da motricidade. Enriquecendo os dados pesquisados, foram surgindo as obras publicadas no decorrer destes últimos anos. Vitor da Fonseca é mestre em ciências de educação e doutor em educação especial e reabilitação. Talvez por este motivo tenha a competência e a sensibilidade de tratar de diversos autores, trazendo-os para uma perspectiva educacional muito próxima daquela que se vivencia no cotidiano e a qual me identifico por inteiro.

Vitor da Fonseca se diz fiel ao sócio-interacionismo o que constatamos em suas colocações: "...jamais se pode encarar o desenvolvimento humano sem uma perspectiva interacionista, onde a herança sociocultural atinge sua significação dialética e complementar" (FONSECA, 1998:11).

No *Manual de Observação Psicomotora* (1995), de Vítor da Fonseca, destaca-se o relato das três grandes unidades funcionais de Lúria que nos fazem compreender como se dá o circuito cerebral interno da motricidade.

Lúria, autor soviético cujas publicações mais conhecidas no ocidente datam das décadas de 50 e 60, é considerado por PRIBRAM (1973) o precursor dos estudos do Sistema Nervoso, tendo dedicado cerca de 40 anos às observações de pacientes com lesões cerebrais e publicou muitas obras que relatam o estreito funcionamento cérebro/comportamento, causando notáveis mudanças no campo da neurologia e da psicologia clássicas, dando origem a psiconeurologia.

Dentre os objetivos que permeavam os estudos de Lúria estão: a análise da atividade psicológica humana camuflada pela ação; o funcionamento da estrutura interna da atividade mental; e a organização dos diversos componentes que contribuem para a estrutura final da atividade mental que irão se refletir na motricidade e na linguagem humana.

O cérebro, então, é considerado um órgão que contém sistemas individuais que possibilitam o funcionamento mental superior antecedendo qualquer conduta consciente humana apresentadas através do movimento e da linguagem.

Para Lúria, as funções cerebrais têm uma localização dinâmica, não restrita ou estática. Sendo assim, o comportamento não pode ser tomado por uma atividade cortical isolada, pois estão também envolvidas as funções de centros subcorticais. Qualquer tarefa desempenhada exige o funcionamento de um conjunto de estruturas tanto corticais como subcorticais que irão interagir “por complicados circuitos de retroalimentação e de reafirmação, possibilitando um sistema complexo de processamento simultâneo e concorrente, que caracteriza o cérebro operário” (FONSECA, 1995, p. 45).

Em relação à lateralização, Lúria defende que um distúrbio psicomotor não poderá ser localizado num único hemisfério como tradicionalmente se concebia. Em se tratando de uma capacidade psíquica superior, a interação funcional dos dois hemisférios é indispensável. “...os dois hemisférios e as regiões específicas de cada um são componentes de um sistema dinâmico e diferenciado, que constitui, mais uma vez, a noção do cérebro como resultado de múltiplos centros de trabalho”, (FONSECA, 1995, p. 45).

“Para Lúria os sistemas de trabalho simultâneo estão na base da ontogênese da cognição. Cada aquisição cognitiva da criança (postura bípede, manipulação praxica, compreensão auditiva, fala, leitura e escrita, etc) representa o resultado de uma constelação de centros de trabalho dispersos geograficamente no cérebro, mas em permanente interação”. (FONSECA, 1995: 46)

Mas este padrão de organização cerebral modifica conforme o ser humano se desenvolve. Em cada idade uma constelação de trabalho será encarregada de tarefas diferenciadas. Assim, os resultados de lesões serão diferentes conforme o estágio de desenvolvimento em que se encontra o lesionado. A mesma lesão ocorrida em uma criança e em um adulto terá conseqüências diferentes, pelo fato do cérebro estar em constante modificação. Assim como veio se modificando se pensarmos na própria evolução humana. Portanto, “não há funções isoladas e sim um sistema funcional complexo, formado no passado e alterado perpetuamente no decorrer do desenvolvimento”. (LÚRIA, in FONSECA, 1995: 48)

Desta maneira, não há como analisarmos a linguagem falada sem associarmos a ela todos os componentes diretamente relacionados tais como; os gestos, a atenção, o raciocínio, memória, entre outros. Também não há como abordarmos a motricidade humana sem traçarmos um paralelo entre a macromotricidade e a micromotricidade, a relação espaço-temporal, o esquema corporal, etc. Considerados produtos finais, a linguagem e a motricidade estão entrelaçados em um complexo processo interno contendo sua origem e sua hierarquização funcional. Todas estas funções não são propriedades da vida mental. Elas decorrem da evolução biossocial humana. (WALLON, in FONSECA, 1995: 48)

Através dos contatos externos, o cérebro vai adquirindo novas formas de regulação da sua conduta, estabelecendo novos sistemas funcionais, integrando novas formas de percepção, e, como conseqüência, novos processos de organização de ações voluntárias.

O cérebro se compõe de várias estruturas funcionais integradas em três grandes unidades funcionais fundamentais, que compõe o modelo de organização funcional proposto por Lúria (in FONSECA, 1995:56). Cada unidade é composta por pelo menos três zonas corticais, que apresentam-se verticalmente e de forma hierarquizada. (in FONSECA, 1995:56).

A primeira, projeção, é responsável pelo recebimento e emissão de impulsos. A segunda, de projeção-associação, é responsável em processar a informação e preparar os programas. E a terceira, de sobreposição, organiza as formas mais complexas de atividade.

Em se tratando de reino animal, o ser humano é o único que nasce com o seu cérebro imaturo; nesta ocasião, apenas os reflexos estarão presentes, mas para que ele se desenvolva não basta ser exposto a estímulos, há a necessidade de mediadores sociais.

De forma esquemática, as três unidades funcionais de Lúria podem ser descritas da seguinte maneira: a primeira é a de regulação tônica, de alerta e dos estados mentais que garante a conquista antropológica da postura bípede; a segunda é de recepção, análise e armazenamento da informação, aqui se encontram a lateralização, a noção do corpo e a estruturação espaço-temporal; e a terceira é de regulação e verificação da atividade, programando e planejando os movimentos e as condutas, ou seja, a práxia global e a práxia fina.

Para um desenvolvimento harmônico o estado de alerta e de vigiância é fundamental. Sem estes componentes nenhuma atividade mental pode ser processada, mantida ou organizada, nem corrigida ou recorreída eficazmente. Esta primeira função selecionará o que é imprescindível para a organização da atividade mental, quer em termos psicomotores ou simbólicos. Lúria deixa clara a diferenciação entre o tônus cortical e o tônus postural. Para ele, a tonicidade cortical é indispensável para qualquer atividade mental, enquanto que o tônus postural está diretamente relacionado com movimentos voluntários.

Esta primeira unidade é composta pela substância reticulada, o diencéfalo e o cerebelo que é responsável pela tonicidade e pela equilibração que consolidam o papel e a importância da postura. A tonicidade e a equilibração são a base da psicomotricidade, pois são adquiridas nos dois primeiros anos de vida e determinarão as aquisições subseqüentes.

Na segunda unidade funcional ocorre a transformação das informações sensoriais em informações simbólicas, podendo também ocorrer o inverso. Lúria divide esta unidade funcional em três áreas específicas, pois cada uma responde de acordo com as suas propriedades particulares de projeção sensorial, onde áreas específicas com células específicas estão preparadas para receber estímulos específicos vindos do meio.

A primeira delas é chamada de área primária ou de projeção que é envolvida pela secundária, designada por Lúria de área gnósica. Além destas, ainda há a terciária denominada por Flechsig (in FONSECA, 1995:74) de centro associativo posterior. Esta é específica da raça humana, e tem a capacidade de acessar os órgãos corticais funcionais e desenvolver as funções superiores específicas. Nesta área, integra-se a informação, através de processos de tradução e transcrição, como os utilizados para a leitura e operações matemáticas complexas. Proporciona a evolução de processos concretos e abstratos.

Esta unidade localiza-se no córtex sensorial e capta informações sensoriais interiores e exteriores. A zona occipital é responsável pela visão, a temporal pela audição e a parietal pelo sentido tátil-quinestésico.

Nesta subdivisão por camadas, cada uma demonstra-se diferente em função de suas características celulares, mas cada camada representa a imediatamente inferior, assim como cada uma delas possui sua história filogenética e embriológica.

São um total de seis camadas que obedecem à organização vertical de cima para baixo, onde as últimas (VI, V, IV) de origem filogenéticas, consolidam a herança mamífera do córtex humana e as primeiras (III, II, I) são de origem ontogenética e restrita aos humanos.

As camadas são organizadas hierarquicamente de tal forma que desenvolvem-se no sentido de uma progressiva diminuição de especificidade sensorial e de uma progressiva lateralização funcional. Este funcionamento, presente em toda atividade cognitiva humana, está diretamente relacionado com o trabalho e é estruturado com a participação da linguagem.

Esta divisão facilita a compreensão do desenvolvimento neurológico global, como também do desenvolvimento psicomotor e cognitivo da criança. As áreas primárias estão relacionadas aos sistemas sensório-motores, as secundárias aos sistemas perceptivo-motores e operacionais e as terciárias com as funções simbólicas e cognitivas mais estruturadas.

Através deste sistema funcional complexo que é a percepção, as informações, a princípio “difusas” vão sendo estruturas se comparadas com aquelas já armazenadas anteriormente e assim concentradas e condensadas numa construção seletiva e estruturada.

Na lateralização observa-se a dominância ocular, auditiva, manual, pedal, inata e adquirida, além da orientação intra-corporal simbólica. Sua função é a escolha de um dos hemisférios, condição fundamental para qualquer aprendizagem motora ou simbólica.

A principal função da segunda unidade é programar, regular e decidir o movimento voluntário.

Na terceira unidade estão localizados os campos motor e pré-motor onde serão elaboradas as práxias global (macromotricidade) e fina (micromotricidade). Através dela o ser humano pode reagir às informações provenientes do meio elaborando uma resposta. Esta unidade tem como funções a realização de movimentos coordenados que envolvam vários músculos e que devam ser realizados em um determinado tempo, bem como a presença da atenção durante a execução destes movimentos. Esta unidade é capaz de realizar a regulação da atividade consciente.

Bernstein, 1967 (in FONSECA, 1995: 84) afirma que “qualquer movimento se organiza para responder a um fim e daí a natural necessidade da programação e regulação antecipada da ação, onde obviamente a participação da linguagem está incluída.”

Esta unidade é constituída pelos lóbulos frontais, aonde irão se concretizar os programas e os planos da ação, que estão diretamente relacionados ao córtex frontal que planifica e executa os movimentos intencionais.

A ação e a coordenação são os componentes principais desta terceira unidade funcional, pois a coordenação dos movimentos requer uma organização das ações motoras buscando um objetivo previamente selecionado. Assim fica clara a interdependência da consciência-ação.

As manifestações do ser humano, assim como a dos animais são conduzidas para certos fins específicos. O que os difere é que os animais são dirigidos pelas necessidades e os seres humanos pela consciência, por intenções ou por motivações individuais e sociais complexas. Para este funcionamento é necessário que haja uma programação, isto é, refletir sobre a relação existente entre a ação e a situação e analisar seus efeitos relacionando-os com as primeiras intenções. Se o resultado for satisfatório, a atividade cessa. Caso contrário, a ação é continuada até que se atinja o objetivo.

As práxias global e fina completam todos os outros subfatores citados nas unidades anteriores, isto é, tonicidade, equilíbrio, lateralização, noção do corpo e a estruturação espaço-temporal. Sem esta integração entre os subfatores, o movimento programado será afetado.

A função primordial desta terceira unidade funcional não pode se resumir na elaboração de respostas ou ações. Não pode ser esquecida a influência inversa dos efeitos que possibilita o processo de encefalização. Este retorno é fundamental à arquitetura da ação consciente. Ele confere ao cérebro o papel dinâmico da integração sensorial, resultando na psicomotricidade.

Resumindo, no ser humano, os movimentos voluntários requerem um projeto e um plano que tem como resultado uma imaginação interior que vai orientar a parte do corpo que deve mover-se, a direção do movimento, o ponto que se quer atingir, assim como o número e os tipos de movimentos a serem executados. A práxia requer uma comunicação contínua entre as estruturas aferentes e eferentes, entre o cérebro

e o corpo. O cérebro comanda o corpo, mas as sensações provenientes do corpo autorizam o cérebro fazer o que comandou.

A maturação psicomotora evolui da tonicidade à práxia fina confirmando a hierarquia vertical que decorre da primeira à terceira unidade funcional. Comungam com a idéia da maturação hierarquizada, autores como Wallon, Piaget e Vygotsky que serão abordados mais adiante, muito embora é preciso que se considere que, cada um desses autores construiu suas proposições em contextos históricos, sociais e políticos diferenciados, e epistemologicamente não podem ser simplesmente “acoplados”.

Os movimentos reflexos e automáticos não se enquadram neste tipo de atividade cortical, apenas as funções psíquicas superiores em processos mentais humanos, formados, elaborados e materializados com base na linguagem.

Segundo Lúria (in FONSECA, 1995: 92) as três unidades funcionais não funcionam isoladamente. Elas trabalham em conjunto de forma organizada, onde uma depende das outras. Não é mais possível pensar em termos de processos mentais isolados, cada área fornece a sua contribuição específica ao todo complexo da atividade mental. O que as difere é sua evolução no tempo. Enquanto a primeira entra em atividade no desenvolvimento uterino, a segunda entra um pouco mais tarde, depois do nascimento possibilitando a ligação entre o organismo e o meio, entre o espaço intracorporal e o extracorporal, e a terceira, dependente das duas primeiras planejará os comportamentos cada vez mais conscientes.

O modelo das três unidades funcionais de Lúria nos oportuniza condições para analisarmos a estrutura dos processos mentais e paralelamente possibilita a análise dos fatores de composição interna dos processos psicomotores na criança. FONSECA (1995:98) faz esta análise relacionando e justificando os vários fatores psicomotores com as três unidades funcionais do modelo luriano. Estes fatores, dispostos pelas três unidades funcionais apresentam-se como “circuitos dinâmicos auto-regulados construídos segundo o princípio da organização vertical das estruturas do cérebro e dependentes de uma hierarquização funcional, que ocorre no desenvolvimento da criança”. Estes fatores agrupados resultam em uma constelação psicomotora, se for levado em consideração que cada um deles possui uma função que organiza o sistema psicomotor.

O Sistema Psicomotor Humano é “um sistema aberto, composto por um conjunto de fatores psicomotores inter-relacionados com o meio externo formando um todo único” (FONSECA, 1995: 285) e está diretamente relacionado à história da evolução das espécies (filogênese), assim como à história do indivíduo desde a sua fecundação (ontogênese). Este sistema está apoiado nas estruturas simétricas do sistema nervoso e inclui o tronco cerebral, o cerebelo, o mesencéfalo e o diencéfalo que são responsáveis pela tonicidade, equilíbrio e lateralização. Estas estão presentes na maioria dos vertebrados. E também em estruturas assimétricas que incluem os dois hemisférios cerebrais responsáveis pela noção de corpo, estruturação espaço-temporal, práxia global e fina. Estas particulares à espécie humana.

Seguindo a organização de Lúria, o primeiro fator a ser abordado é a tonicidade, já que é o alicerce principal da primeira unidade funcional do mesmo autor e a primeira a aparecer, ontologicamente falando, no ser humano. Ela é a “estrutura básica que prepara e guia a atividade osteomotora, controlando a modelação articular e garantindo o ajustamento plástico e integrativo da amplitude dos movimentos”. São as atitudes, mímicas, postura e emoção. Todo movimento depende do tônus muscular que prepara-o, apóia-o, inibe-o, isto é, tem a capacidade de auto-regulá-lo. Estas aquisições neuromusculares aparecem entre o nascimento e os 12 meses.

A equilíbrio, condição básica da organização psicomotora, também faz parte da primeira unidade funcional e apresenta-se como fundamental na construção da movimentação voluntária, pois propicia o ajustamento postural e gravitacional que tem como consequência os movimentos intencionais do indivíduo. A postura bípede, segurança gravitacional e o desenvolvimento dos padrões locomotores estão entre as aquisições possíveis em função da equilíbrio que ocorrem entre os 12 meses e os 2 anos.

Já na segunda unidade funcional a lateralização é outro fator preponderante que garantirá a especialização de um dos hemisférios, que passa a assumir papel determinante nos processos psíquicos superiores. Esta especialização traduz a qualidade da integração sensorial intracorporal (vestibular e tátil-quinestésica) e/ou extracorporal (visual e auditiva) deixando clara a sua importância para a atividade mental, assim como para a psicomotricidade. Hierarquicamente falando, a lateralização aparecerá em torno dos dois a três anos.

A noção de corpo, também integrante da segunda unidade luriana demonstra-se como a habilidade do indivíduo de conscientizar-se do próprio corpo, de perceber a totalidade do Eu. Inclui as sensações, dimensões e integração das partes que compõe o corpo. Apresenta-se entre os três e quatro anos. Para Lúria (In FONSECA, 1995:103) esta é uma unidade particularmente importante para a integração dos movimentos globais associados ao espaço e à formação da imagem do corpo.

A estruturação espaço-temporal vem na seqüência, sendo desenvolvida por volta dos 4 a 5 anos. Este fator ocupa a área primária, secundária e terciária da segunda unidade. A estruturação espacial é a noção do corpo dentro de um determinado espaço e requer uma estruturação perceptivo-visual que envolve as áreas visuais. A estruturação temporal é a noção do ritmo dependente da integração das zonas nucleares auditivas. A estruturação espaço-temporal decorre da noção de corpo, pois é necessário que se conheça seu corpo internamente para que possamos compreender todo o espaço que o cerca.

Na última unidade estão seqüencialmente a práxia global e a práxia fina. A global envolve as tarefas realizadas pelos grandes músculos sendo desenvolvida por volta dos cinco a seis anos. Dos seis aos sete anos são desenvolvidos os movimentos de práxia fina que são as tarefas de dissociação digital e preensão com a participação da visão e da coordenação oculomanual.

Esta perspectiva ontogenética encontra-se aqui de uma forma muito simplificada. Sua função é confirmar o modelo funcional de Lúria e de outros autores como Vygotsky e Wallon que comungam a respeito do modelo de hierarquização dos fatores psicomotores.

Estes fatores psicomotores acima relacionados compõem o Sistema Psicomotor Humano, que é um sistema aberto em estreita relação com o meio externo formando um todo único e está diretamente relacionado à história da evolução das espécies (filogênese) assim como à história do indivíduo desde a sua fecundação (ontogênese). Este sistema está apoiado nas estruturas simétricas do sistema nervoso e inclui o tronco cerebral, o cerebelo, o mesencéfalo e o diencéfalo que são responsáveis pela tonicidade, equilíbrio e lateralização. Estas estão presentes na maioria dos vertebrados. E também em estruturas assimétricas que incluem os dois hemisférios cerebrais responsáveis pela noção de corpo,

estruturação espaço-temporal, práxia global e fina. Estas são particulares à espécie humana.

Segundo FONSECA (1995:283) o Sistema Psicomotor Humano possui algumas particularidades importantes de serem analisadas neste momento.

A primeira delas é a totalidade, isto é, embora seja comum dividir o sistema psicomotor humano em partes como a noção de corpo, equilíbrio, práxias, entre outros, este sistema é um todo único.

Depois há a interdependência, isto é, todos os fatores psicomotores estão interrelecionados e influenciam-se mutuamente.

Outra particularidade que não deve ser esquecida é a hierarquia, pois este sistema está organizado de forma que a sua complexidade seja ascendente. Desta maneira, os fatores mais simples como a tonicidade e a equilíbrio serão os primeiros a serem desenvolvidos, seguidos dos fatores um pouco mais complexos como: a lateralização, a noção do corpo e a estruturação espaço-temporal, e os fatores hipercomplexos como as práxias.

A auto-regulação ou controle é a particularidade que garante que o cérebro está programado para prever e planejar a ação que será executada pelo resto do corpo.

Há também a interação com o mundo envolvente de forma que o Sistema Psicomotor Humano está em constante contato com o meio externo influenciando-o e sendo influenciado por ele.

Como não é fechado, o Sistema Psicomotor Humano possui o equilíbrio que garante um desenvolvimento progressivo do ser humano que permite que ele passe de criança para adulto e de adulto para idoso (retrogênese).

A adaptabilidade garante ao Sistema Psicomotor Humano que se adapte às constantes mudanças do meio.

E finalmente a equifinalidade que garante que o Sistema Psicomotor esteja voltado para algum fim, para alguma tarefa.

Em *Psicomotricidade: filogênese, ontogênese e retrogênese*, FONSECA (1998) nos fala sobre a evolução da espécie humana e os fatores que intervêm diretamente neste processo. Para ele, esta evolução foi o resultado entre fatores biológicos e sociais que ocorrem no decorrer da vida, da concepção ao nascimento e do nascimento à morte tendo o movimento como a alavanca para que este processo

ocorra. Ele acredita que estes comportamentos não são nem pré-formados, nem predeterminados.

Fonseca conceitua a motricidade como o “primeiro processo humano de aprendizagem e apropriação do real, meio pelo qual a inteligência humana se desenvolve e materializa-se, constrói-se e edifica-se” (FONSECA, 1998: 15) O cérebro é o órgão central do movimento e é pelo movimento que a vida mental se organiza em função do passado e projeta-se para frente em função do futuro.

Desde o ventre materno o movimento humano está presente e logo que nasce o bebê é “agido” por outros, que proporcionarão a histogênese do Eu. Desta forma, o outro representa um papel fundamental no desenvolvimento humano. “...o desenvolvimento da motricidade da criança depende fundamentalmente da motricidade (conduta) do adulto” (FONSECA, 1998: 12), e nós acrescentaríamos neste estudo, a determinação dos processos sócio-históricos.

Desta maneira, o desenvolvimento neuropsicomotor se dá apenas quando a interação é oportuna, ou seja, uma criança criada com primatas não terá a possibilidade de vir a desenvolver sua linguagem. Embora o desenvolvimento neuropsicomotor esteja intrinsecamente relacionado com fatores biológicos, ele dependerá acima de tudo de um envolvimento humano cultural e histórico para acontecer.

O cérebro humano de uma criança recém-nascida encontra-se inconcluso. É pelo movimento que ele vai sendo estruturado durante os primeiros anos de vida e, as futuras faculdades de aprendizagem dependem diretamente destas primeiras aquisições motoras. Diferente de todas as outras espécies, o movimento humano deve ser aperfeiçoado ao longo do desenvolvimento.

Abordando a ontogênese da motricidade, FONSECA (1998) faz a citação de algumas abordagens a respeito do movimento em relação ao desenvolvimento do ser humano.

A primeira delas é a Abordagem Ontogenética que como o próprio nome descreve é o desenvolvimento do indivíduo desde a sua fecundação até a maturidade.

O nascimento da vida humana se dá quando da união da célula feminina e a masculina, formando o zigoto que contém a informação genética que determinará o desenvolvimento deste indivíduo.

No Período Pré-embriónico o zigoto, rodeado de células nutritivas (trofoblastos), vai sendo levado até o útero. Lá ocorre a nidação que encerra o período do zigoto ou pré-embriónico.

No Período Embrionário (entre o 1º e o 2º mês) o desenvolvimento adquire proporções importantes. Começa a se desenvolver a coluna vertebral a partir dos mesoblastos, dos quais vão surgir os ligamentos, os tendões, as aponevroses, os músculos e os ossos. Posteriormente surge o tronco e a cabeça e os membros. O coração pulsa com maior intensidade. Surgem também a face, os nervos cranianos, os músculos faciais e mastigadores, a boca e o septo nasal.

Dias depois, os olhos, a córnea, a íris e as orelhas. Também o lábio superior, o nariz, o palatino, os maxilares e a língua. Neste período a cabeça tem metade do tamanho do corpo demonstrando sua importância embrionária e evolutiva. Os dois hemisférios cerebrais já estão formados. Ao final do 2º mês o cérebro já controla os primeiros movimentos. A pele que envolve o corpo é transparente deixando a vista as veias e artérias.

As mãos perdem as membranas interdigitais que ligavam os dedos, os três setores dos membros separam-se. Os braços crescem já sendo possível tocar a boca, movimento fundamental para a ontogênese da motricidade.

Assim, os músculos começam a sua atividade, os órgãos internos começam suas funções e os sexuais a formar-se e a diferenciar-se.

Desde a sua concepção, o bebê já cresceu 240 vezes em comprimento e mais de um milhão de vezes em peso.

No início do Período Fetal o bebê já possui as estruturas que o recém-nascido apresentará ao nascimento. Ele vai crescer, aumentar de peso, aperfeiçoar seus movimentos.

Os ossos iniciam sua ossificação, a expressão facial começa a humanizar-se, aparecem os dedos e as unhas.

No quinto mês surgem as sobrancelhas, pestanas e o cabelo. Já ouve sons.

Nos três últimos meses ficam claros os períodos de vigília e sonolência. A motricidade fetal diminui significativamente em função da diminuição do espaço uterino. Separam-se as pálpebras e os olhos se tornam visíveis. O corpo vai se ajustando à forte compressão uterina.

Outra abordagem descrita por Fonseca é a Psicobiológica que descreve a importância da motricidade no desenvolvimento psicológico da criança.

Seja qual for o movimento, ele sempre estará relacionado a satisfação de uma necessidade. Esta relação, movimento-fim vai aperfeiçoando-se com o passar do tempo. Em cada idade o movimento apresenta características próprias denotando a maturação e possibilitando o enriquecimento da relação do indivíduo com o meio externo. “Cada aquisição influencia as ulteriores, tanto no domínio mental como no domínio motor, de modo a valorizar as relações com o meio, através de uma adaptabilidade a novas circunstâncias, provenientes de uma alteração do conteúdo significativo das situações vividas e experimentadas” (FONSECA, 1998: 163).

A unidade motora mais complexa do mundo animal é a mão. A oponibilidade do polegar em relação aos demais dígitos é uma característica herdada dos primatas que garante o movimento de preensão e exploração. Esta característica possibilitou o trabalho humano, a fabricação de utensílios, e isto proporcionou o aparecimento de novas regiões no córtex. Assim, o ser humano evoluiu em termos de inteligência e transcendeu-se culturalmente. “A mão pôde refazer o cérebro” (FONSECA, 1998: 182). A evolução da micromotricidade ocasionou a evolução da oromotricidade conferindo ao cérebro novas possibilidades.

Nesta abordagem Fonseca não deixa de relacionar o movimento com os outros aspectos do comportamento, como a inteligência, a afetividade e a percepção. E cita Piaget como um dos autores que enfatizaram esta relação. “Piaget considera que a motricidade interfere na inteligência antes da aquisição da linguagem” (FONSECA, 1998: 168). As percepções e os movimentos a partir do momento em que se relacionam com o meio, constroem a função simbólica que será responsável pelo desenvolvimento da linguagem e esta pela representação e pelo pensamento. A palavra proporciona a passagem do concreto para o abstrato

Piaget (in FONSECA, 1998: 169), alerta para a importância da motricidade na formação da imagem mental e na representação imagética. A vivência através do movimento é introjetada no corpo do indivíduo gerando uma imagem mental que só posteriormente poderá ser expressa através da linguagem. Assim, ele vai sendo capaz de antever acontecimentos e comportamentos anteriormente ignorados. O movimento tem como consequência a formação de uma vida mental. Desta forma

constata-se que ele interfere em todas as funções cognitivas tornando a inteligência o produto final da motricidade interiorizada.

Para que a criança possa se apropriar do símbolo, ela deve antes de tudo vencer seu corpo através da gravidade e do espaço e ser capaz de se comunicar.

Para Piaget a inteligência humana é justificada pela adaptação do homem ao mundo exterior, através de suas experiências de ação e movimento em interação com o meio que vai transformando-o. Esta adaptação tem dois sentidos: assimilação e acomodação. Assimilação e acomodação ao mundo externo à medida que o indivíduo transforma-se e transforma.

Esta relação estabelecida com o mundo externo entre percepções (assimilação) e movimentos (acomodação) é o que possibilita a adaptação que terá como consequência a transformação da inteligência prática ou sensório motora em inteligência reflexiva ou gnósica. Enfim, a inteligência consiste em um processo interior onde encontram-se integradas as assimilações e adaptações. Mas a inteligência verbal ou reflexiva é estabelecida a partir de uma inteligência sensório-motora. Assim, a coordenação do sistema sensório-motor é a primeira demonstração de inteligência humana, isto é, através do movimento, a criança é capaz de integrar e transformar aquilo que a cerca. Mesmo antes de verbalizar a criança pode demonstrar sua inteligência (adaptação) através das estruturas sensório-motoras que cada vez vão se aperfeiçoando mais.

Mais uma vez a motricidade é destacada na teoria piagetiana. Ela é imprescindível também no que diz respeito à imagem mental ou representação imagética. Tudo aquilo que é interiorizado através do movimento é assimilado e ao mesmo tempo acomodado. A ação transforma o objeto, o real em imagem mental. A imagem só é possível quando passa pela ação.

A princípio a imagem é estática. Posteriormente passa a ser dinâmica, antecipando a ação. Assim, com o avanço das experiências, as atividades sensório-motoras passam a perceptivo-motoras possibilitando a surgimento da linguagem e a reflexão. Em seguida a criança toma consciência das suas ações, isto é a operação.

Na Abordagem Comportamental o comportamento é encarado como “uma das formas mais significativas de adaptação ao mundo exterior, dado que a assimilação contínua do mundo no indivíduo se processa por meio do movimento humanizado, portanto, socializado” (FONSECA, 1998:198). Desde o momento em

que o indivíduo nasce, é o movimento o principal colaborador no que diz respeito ao desenvolvimento de todas as faculdades humanas.

Já a Abordagem Psicotônica citada por FONSECA (1998:215) diz que os primeiros movimentos infantis são desprovidos de intencionalidade e conseqüência do momento caótico próprio do recém-nascido. Conforme ele se desenvolve, estes movimentos vão integrando a consciência e organizando seu sistema nervoso.

O Sistema Nervoso será, então, o meio pelo qual a vida mental se organiza. Ele será elaborado e estruturado pelo movimento através da integração do indivíduo com o meio externo. Sendo assim, explica-se a preocupação de colocar-se estímulos variados (auditivos e visuais) ao redor do recém-nascido. Este comportamento vem comprovar a importância que o meio exerce na estruturação mental e alertar para a conseqüência da privação sensorial e motora no desenvolvimento infantil que é o atraso da evolução motora.

A Abordagem Neurobiológica trata da “evolução do ser humano como uma sucessão de integrações tônico-emocionais cognitivo-motoras em formas cada vez mais organizadas, na medida em que elas traduzem a evidência da dialética tônico-afetiva que preside a todas as condutas do indivíduo”(FONSECA, 1998:230). O tônus traduz o estado da criança. A hipertonia presente no momento da expressão da necessidade é substituída pela hipotonia do momento em que a sua necessidade foi satisfeita. Esta rigidez tende a diminuir na medida em que o sistema nervoso amadurece (mielinização). Assim, ocorre um aumento do tônus axial paralelamente à uma diminuição da hipertonicidade dos membros. Aumentando a extensibilidade, aumenta-se a possibilidade de novas realizações motoras.

O tônus, para esta abordagem, influencia diretamente as aquisições motoras assim como a formação da personalidade do indivíduo.

Até que a linguagem da criança esteja presente é por meio dos seus movimentos que ela se faz entender. Esta comunicação apresenta-se extremamente importante para a criança desde que, o que estará em jogo é a interpretação das suas emoções e do seu estado interior.

A Abordagem do Desenvolvimento Postural denota uma grande importância para a postura no desenvolvimento infantil do nascimento aos dois anos de idade, visto pelo fato de que o recém-nascido não é capaz de sustentar a própria cabeça e a criança com dois anos, anda perfeitamente. Constata-se que o desenvolvimento

acontece numa direção crânio-caudal, começando pela cabeça e progredindo até os membros inferiores.

Na Abordagem ao Desenvolvimento da Preensão a mão aparece como instrumento principal na conquista do meio externo. A preensão é vista como colaboradora de todo desenvolvimento infantil. Segundo Piaget (In FONSECA, 1998:254), “a utilização da mão, em função da significação do movimento, está filiada no pensamento”. Cada objeto tocado será percebido de forma diferente.

No recém-nascido não há preensão, o que há é o reflexo tônico dos flexores. Conforme se instala um tônus axial, a hipertonia diminui e os membros superiores começam a ser percebidos pelo olhar, dando início a estruturação do esquema corporal.

Após o controle da cabeça e dos músculos óculo-motores o universo do berço é descoberto dando início ao desenvolvimento da noção de espaço. A preensão voluntária inicia o comportamento de investigação e exploração.

Após os seis meses a hipertonia desaparece. A preensão já desenvolvida permite a dissociação olho e mão. Os objetos podem ser passados de uma mão para outra, demonstrando já a diferenciação entre a mão-iniciativa da mão-auxiliar dando início à gênese da lateralidade.

A Abordagem Biopsicossocial de Wallon é tratada por Fonseca tanto na obra “*Psicomotricidade: filogênese, ontogênese e retrogênese*” (1998), quanto na “*Escola, escola, quem és tu?*” (1987) mostrando a importância no que diz respeito ao movimento dentro de uma visão afetiva.

Wallon divide a evolução da motricidade em vários níveis, sendo o primeiro o estado impulsivo, onde os movimentos do recém-nascido, na verdade descargas de energia muscular, são acompanhados de reações tônicas e clônicas e de gestos descoordenados sem função alguma. As necessidades da criança vão sendo responsáveis pelos seus movimentos que demonstram estados de bem ou mal estar. Isto denota a dependência entre o movimento e a esfera afetiva. “A ação ligada à sensibilidade reestrutura o processo histórico que caracteriza a evolução emocional e mental do ser humano”.

O estado tônico-emocional é o segundo descrito por Wallon e costuma ocorrer entre os seis meses e um ano. Nele as diferentes atividades vão enriquecendo as

relações da criança com o mundo, mas o verdadeiro desencadeante da ação é a emoção que funciona quase como uma pré-linguagem.

O sensório-motor é o terceiro, está presente por volta de um e dois anos, quando a criança é capaz de perceber a ligação existente entre o movimento e suas conseqüências. O primeiro espaço a ser explorado é a boca, e depois cada parte do corpo ainda fragmentado vai sendo descoberto progressivamente. A unidade do corpo só aparecerá mais tardiamente. Wallon (In FONSECA, 1998: 261), afirma que o indivíduo não é apenas uma combinação de sensações ou uma coleção de movimentos, a sua experiência combina movimentos com emoções, representações com sociabilizações. As percepções passam a ser mais exatas e o movimento tende a se repetir o que torna o gesto cada vez mais preciso (gesto inteligente). Não devemos esquecer que Wallon considera o gesto sempre em relação aos outros como uma linguagem emocional e não-verbal. "A criança vai se estruturando na repetição de ações, sabendo já o fim a que se destinam, tendo já consciência das suas finalidades" (FONSECA & MENDES, 1987: 25)

O quarto estado é o projetivo onde já existe uma representação mental que dá sustentação à intencionalidade do gesto. A motricidade regula o surgimento e a produção das formações mentais sendo miscigenada à própria realidade, mas ainda está longe de ser uma representação pura dela. Esta fase pode ser observada por volta dos 2 a 3 anos quando a criança faz uso de gestos para se comunicar. "O gesto é o refúgio da sua expressividade ... e pode tornar presente o objeto ausente ou substituí-lo" (FONSECA, 1998:263).

Nesta fase surge a imitação que pode apresentar-se de forma passiva primeiramente, para depois se tornar ativa, mas em ambos os casos ela anuncia o surgimento das representações psicológicas.

O quinto é o personalístico e costuma se apresentar por volta dos 3 e 4 anos. Nesta fase a criança utiliza o modelo do outro para estímulo e experiência. Nesta fase ocorre a construção da consciência de si, através das interações sociais, dirigindo o interesse da criança para as pessoas, predominando assim as relações afetivas.

O movimento para Wallon está também diretamente relacionado ao temperamento da pessoa humana e não só ao desenvolvimento psíquico e nas relações com o outro. É uma forma de exteriorização da atividade psíquica.

Wallon, pesquisador interacionista, afirma que “entre o indivíduo e seu meio há uma unidade indissolúvel” (In FONSECA & MENDES, 1987: 20). O desenvolvimento psicobiológico está diretamente relacionado às condições sociais. O conhecimento é um bem extrabiológico contido no grupo onde o ser humano irá evoluir. Assim sendo, a sociedade determina o desenvolvimento humano, portanto, a sua inteligência.

Entre o nascimento e a aquisição da linguagem, o movimento é a forma de expressão da criança. É desta forma a primeira estrutura de relação com o meio e onde se consolida a inteligência, sendo também a primeira forma de expressão emocional e de comportamento.

Para Wallon a afetividade está intrínseca ao movimento e pode se apresentar sob três formas.

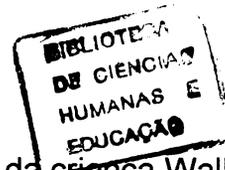
A primeira, Deslocamentos Passivos ou Exógenos demonstrada através de reações a forças exteriores (gravidade, por exemplo). A segunda, Deslocamentos Ativos ou Autógenos, seriam as reações do corpo ao mundo externo (objetos). E a terceira, Deslocamentos dos Segmentos Corporais, que seriam as reações do corpo inteiro em resposta ao meio. Assim, demonstra através de sua teoria que o movimento não é apenas o deslocamento do corpo no espaço e nem a somatória de contrações musculares, mas que carrega toda uma carga afetiva na sua relação com o mundo determinando sua história biossocial.

Wallon é o primeiro psicólogo que encontra uma relação entre o tônus e a expressão emocional. Define o tônus como sendo “o suporte e garantia do movimento e sua expressão (hipertônica ou hipotônica) representa a acomodação perceptiva na sua afetividade” (In FONSECA & MENDES, 1987: 22).

O movimento para Wallon abrange dois aspectos fundamentais: a previsão e a execução que vão expressar o desenvolvimento total da criança.

Para Lúria estes dois aspectos também são importantes embora venham entremeados por uma cadeia hierárquica que compreende também outros aspectos tão importantes quanto estes.

Para Wallon a imitação é fator preponderante para a representação mental, porém FONSECA & MENDES (1987: 29) fazem uma ressalva discutível. Colocam a imitação como gênese de comportamentos, desde que não haja qualquer comando ou interferência do outro. E como fica então a mediação? Talvez por ser um



pesquisador voltado para o desenvolvimento emocional da criança Wallon não tenha refletido a respeito da educação. O próprio RCN (Referencial Curricular Nacional) também traz uma afirmação parecida quando explicita que existem práticas didáticas que trabalham o movimento desde que este esteja em estrita conformidade a determinadas orientações. Estas práticas embora utilizem o movimento, limitam as possibilidades de expressão da criança tolhendo suas iniciativas próprias ao enquadrar os gestos e deslocamentos a modelos predeterminados ou a momentos específicos (RCN:3º volume: 17).

Mas procurando transcender esta teoria para dentro das instituições escolares temos que adaptar estas considerações. Levando em conta a nova metodologia pedagógica utilizada nas instituições escolares, onde o professor não é mais um mero transmissor dos conhecimentos do mundo, não poderíamos considerar este tipo de prática. Porém, consideremos que o papel do professor agora é de mediador, pois a criança aprende em contato com o meio social, alguém que coopera para que ela venha a construir a sua inteligência. Assim, cabe ressaltar que, embora o professor não deva servir de modelo do que seria “o certo”, ele deve ser o “norte” da aprendizagem possibilitando que a criança venha a interiorizar o maior número de conceitos para os quais está pronta. Não levemos tão rigorosamente estas colocações, pois a função da educação não é de que a criança venha a constituir-se sozinha como ser humano inteligente. Alguém estará ao seu lado auxiliando esta trajetória histórico-social.

Se o movimento é de natureza social, pois por meio dele promove a maturação do sistema nervoso e o objetivo da escola de uma maneira genérica é desenvolver o ser humano como um todo, como fazê-lo sem proporcionar atividades motoras sob um comando? Dar um comando ou sugerir atividades não quer dizer tolher a expressividade da criança. Uma atividade bem planejada por um professor bem preparado deve proporcionar a criança que venha a desenvolver sua motricidade através de brincadeiras e jogos dirigidos onde ela possa se expressar como indivíduo. Estas atividades podem e devem também ser intercaladas com outras de livre expressão.

Ainda na obra de FONSECA e MENDES (1987), Wallon compara a imitação ao jogo afirmando que são próprios dos seres vivos jovens e que por meio deles os circuitos sensório-motores e perceptivo-motores vão originando-se como estrutura

nervosa em movimento ocasionando a mielinização. Assim, é através do movimento que processa-se a comunicação que se estabelece entre o exterior e o interior do corpo através dos órgãos receptivos, o cérebro e os órgãos efetores confirmando que o desenvolvimento mental se dá numa relação com a ação. E para obter-se melhores circuitos perceptivo-motores a repetição de movimentos é imprescindível, pois colaborará para a eliminação dos gestos inúteis e a formação de hábitos motores. Desta forma a imitação ganha um aspecto altamente utilitário de grande significado social, é o elemento decisivo do desenvolvimento afetivo e intelectual da criança, caracterizando-se através da representação e da ação.

4 PROPOSIÇÕES CURRICULARES PARA EDUCAÇÃO INFANTIL QUE TOMAM COMO REFERÊNCIA O MOVIMENTO DA CRIANÇA

Nesta seção serão traçadas algumas proposições curriculares para a Educação Infantil levando em consideração a abordagem de Vitor da Fonseca que não se intitula um teórico sócio-interacionista, porém, na análise das suas produções e autores citados nelas, podemos deduzir que ele comungue das mesmas idéias.

Esta seção está dividida em 4 subseções: o movimento e a criança, o movimento e a instituição de ensino, o movimento e o educador, e, o movimento e a família.

As proposições que estarão explicitadas nesta seção são fruto reflexões a partir das referências teórico-metodológicas contidas neste trabalho, bem como a partir da experiência prática na área, sempre levando em conta a compreensão da criança enquanto sujeito histórico-social.

4.1 O MOVIMENTO E A CRIANÇA

Não há como negar a afirmação contida no RCN de que a educação deve ser vista muito mais além do que a mera transmissão de conhecimentos tão utilizada ainda hoje em muitos contextos tradicionais. Mas o que quer dizer esta frase? Se pensarmos um pouco, veremos que ela tem embutida a nova noção de educação que retira o professor daquele patamar de “senhor do poder” e coloca a criança como sujeito interativo e atuante da sua própria construção de conhecimento, sem perder de vista o papel do professor como mediador de um conhecimento produzido historicamente. A criança deve ser reconhecida globalmente em todas as suas dimensões, física, afetiva, intelectual e social, assim como deve ser estimulada em todos estes aspectos. A dimensão intelectual continua tendo ainda o maior peso e está presente em quase todas as situações da escola, partindo-se do pressuposto de que a criança em interação com o meio está sempre aprendendo alguma coisa. Os aspectos social e afetivo aparecem principalmente nas relações da criança com o outro e não me parece que isto tenha sido esquecido pelos profissionais da educação. E o aspecto físico? Ainda é comum que as instituições pensem ser o recreio de vinte minutos o suficiente para estimular suas crianças.

Segundo GALHARDO, OLIVEIRA e ARAVENA (1998:56) é muito difícil encontrar instituições de Educação Infantil que utilizem o conhecimento trazido pela criança sobre seu corpo, o mundo dos jogos e das brincadeiras, a realidade das danças, música e atividades recreativas. A educação corporal está diretamente relacionada com atividades assistemáticas, como estarem soltas no parquinho. Estar brincando com os amigos no recreio é também uma atividade estimuladora da motricidade, mas a escola não pode esperar que isto seja suficiente quando se conhece a dimensão do movimento no desenvolvimento infantil.

FONSECA (1995: 294) afirma que o ser humano nasce com uma relação inconclusa entre o corpo e o cérebro e o desenvolvimento da motricidade vai propiciar uma maior comunicação entre eles, tendo como consequência novas capacidades, habilidades, etc. Desta forma percebe-se a estreita relação entre movimento e o desenvolvimento global da criança, não havendo possibilidades de exercitar um na ausência do outro. Por isso, o aspecto motor não deve ser abordado isoladamente e tão pouco relegado aos minutos do recreio. Devemos na medida do possível, abordar todos os aspectos do seu desenvolvimento infantil simultaneamente, e com um planejamento bem estruturado isto é possível.

Isto torna a aprendizagem motivadora. Brincadeiras, música, alegria e a participação do professor tornam o dia-a-dia escolar interessante e com expectativas para os acontecimentos seguintes.

Se considerarmos a afirmação de Wallon de que a essência do movimento é função do conjunto das relações sociais na medida em que é a natureza social da vida humana que determina o desenvolvimento psicomotor, podemos compreender o peso da mediação do outro no desenvolvimento infantil. Assim, se transportarmos esta premissa para a perspectiva escolar perceberemos a importância do vínculo professor-aluno para o seu desenvolvimento. Tem-se que considerar aqui que, no contexto de determinadas escolas da rede particular e grande parte das de redes públicas de atendimento infantil, observamos um número grande de crianças que passam mais tempo na escola na companhia da sua professora do que em casa com seus familiares sobretudo nas propostas de turno integral. “O outro tem função fundamental e importantíssima no desenvolvimento da pessoa”. Vygotsky (In BUENO, 1998: 31).

Para que o desenvolvimento da motricidade venha a ser uma atividade geradora de novas capacidades e habilidades, será necessário ter como meta os seguintes fatores psicomotores imprescindíveis ao desenvolvimento infantil a partir das preposições dos autores utilizados neste trabalho:

- **Coordenação Dinâmica Global ou Geral:** é a possibilidade de controle dos movimentos amplos com todo o corpo utilizando-se de materiais acessórios ou não. Para que essa coordenação aconteça é necessário uma perfeita harmonia do jogo muscular em repouso (coordenação estática) e em movimento (coordenação dinâmica).
- **Coordenação Motora Fina:** é a capacidade de controlar os pequenos músculos para exercícios específicos. Envolve a coordenação visomotora, que é a capacidade de integrar numa relação significativa, movimentos corporais e aquisições visuais. A coordenação viso-manual que é a coordenação entre a visão e o tato desenvolvendo destreza, velocidade e precisão. E a coordenação musculofacial que são os movimentos refinados da face.
- **Tônus:** é a firmeza que está presente tanto nos músculos em repouso quanto em movimento.
- **Postura:** é a noção de distribuição do peso do corpo em relação ao eixo de gravidade e está diretamente relacionada ao tônus.
- **Equilíbrio:** é a noção da distribuição do peso do corpo e dos objetos em relação a um espaço e a um tempo e em relação ao eixo de gravidade. É a base de toda a coordenação dinâmica global e pode ser estático ou dinâmico.
- **Respiração:** inspirar e expirar aproveitando ao máximo o oxigênio e adaptando a respiração ao tipo de movimento executado.
- **Esquema corporal:** é a percepção do próprio corpo numa representação mental. Reflete o equilíbrio entre as funções psicomotoras e sua maturidade.
- **Lateralidade:** é o uso preferencial que os indivíduos fazem de uma das partes do seu corpo, predominância que se faz em função do hemisfério cerebral que determina a dominância direita ou esquerda.

- Relaxamento: é uma forma de atividade psicomotora na qual se objetiva a redução das tensões psíquicas levando a descontração muscular.
- Organização Espacial: é a capacidade de situar-se e orientar-se a si próprio e localizar objetos e pessoas em um determinado espaço. É ter noção de direção e distância utilizando os opostos de maneira funcional.
- Organização Temporal: é a percepção de fenômenos sucessivos constituindo a representação mental de passado e futuro.
- Ritmo: é o fator da estruturação temporal que sustenta a adaptação das ações ao tempo.
- Estruturação Espaço-temporal: é a capacidade de avaliar tempo-espaço, integrando-a, real ou convencionalmente numa sucessão e em dimensão espacial.
- Percepção sensorial - visual, tátil, auditiva, olfativa e gustativa: é a captação e discriminação de diferentes estímulos pelas vias sensoriais. A percepção visual inclui: discriminação, memória visual, figura-fundo, análise e síntese e constância e percepção. A percepção tátil inclui: a térmica, a básica e a sinestésica. A percepção auditiva inclui: discriminação, atenção, memória, análise e síntese. A percepção olfativa inclui: discriminação e memória, assim como a percepção gustativa.

Outra questão que deve ser considerada no contexto escolar é o trabalho com a auto-estima da criança. O professor deve sempre estar informando-a sobre as suas conquistas e valorizando o seu esforço, encorajando-a na própria aprendizagem. Estes comentários devem sempre levar em consideração os avanços da própria criança em relação ao seu desempenho anterior e nunca em relação aos seus colegas de classe.

4.2 O MOVIMENTO E A INSTITUIÇÃO DE ENSINO

Planejar atividades que envolvam todos os aspectos do desenvolvimento infantil é um objetivo que ficou bem claro até aqui. Para isso as instituições de ensino de Educação Infantil não precisam dispor de um espaço de tempo para que estas atividades possam acontecer. Nas escolas de Educação Infantil o movimento integrado com o afeto, o intelecto e o social, assim como os eixos: linguagem,

matemática, artes, música e natureza e sociedade devem fazer parte do cotidiano, como prevê o RCN quando cita a interdisciplinariedade.

O espaço para a execução das atividades motoras é outro item que deve ser considerado. Qualquer espaço por menor que seja, é suficiente quando se pretende trabalhar o movimento. Não restam dúvidas de que quanto mais espaço, mais alternativas de atividades. Mas a criatividade, necessária aos profissionais da educação, nos dá outros caminhos para atingir estes objetivos.

A própria sala de aula pode ser um espaço adequado para uma grande quantidade de atividades. Basta que a organizemos de forma que se tenha um espaço para que as crianças possam ficar bem a vontade sem correr o risco de se machucarem. Conseguem-se isto retirando ou empilhando os móveis em um canto da sala para obter um espaço central vazio.

CARVALHO e RUBIANO (In OLIVEIRA, 1996: 107) relatam que tem havido um crescente reconhecimento da importância do ambiente sobre o desenvolvimento infantil e que um planejamento cuidadoso da parte física é parte imprescindível para uma boa direção do ensino em sala de aula, pois podem influenciar comportamentos, facilitando certas atividades ou dificultando outras. Estes autores sugerem que os ambientes devem ser organizados em função dos objetivos que se pretende atingir. Para tanto se deve considerar as necessidades das próprias crianças analisando o desenvolvimento de cada faixa etária.

DAVID & WEINSTEIN (In OLIVEIRA, 1996: 109) afirmam que os ambientes construídos para crianças deveriam atender a cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil: a identidade pessoal, as competências, o crescimento, a sensação de segurança e o contato social e privacidade.

Os ambientes devem promover o desenvolvimento de competência, isto é, facilitar à criança o domínio e o controle do seu habitat, favorecendo sua autonomia, competência muito importante para o RCN. As instalações físicas devem propiciar que as crianças satisfaçam sozinhas as suas necessidades como: tomar água, lavar as mãos, ir ao banheiro, pegar roupas e toalhas, acender e apagar as luzes e ter acesso a prateleiras e estantes com materiais.

Para que as crianças tenham oportunidade de crescimento, os ambientes devem possibilitar os movimentos corporais, tais como: andar, correr, subir, descer e pular com segurança para que aprendam a se mover e controlar seu próprio corpo no

espaço. Poderão ser utilizados materiais tais como: colchonetes de espuma, de ar e de água, almofadas de diferentes tamanhos e texturas, balanços, traves, pequenas escadas e rampas, estruturas de madeira, escorregadores e cadeiras de diversos tipos.

Sugere-se ainda, árvores onde as crianças poderão subir e se pendurar, além de estar em contato com a natureza aprendendo a utilizá-la e a preservá-la; desníveis do terreno com grama onde ao brincarem as crianças estejam sempre experimentando subidas e descidas e aprendendo a controlar melhor seu corpo; muros construídos com um tijolo e ladeados por grama num nível um pouco mais baixo que permitam a criança estar exercitando seu equilíbrio com segurança. Estes podem ser retos, curvos, ondulados, etc, ou em pequenos declives ou aclives. Estas sugestões podem ser utilizadas em qualquer instituição de ensino, mesmo aquelas que apresentem dificuldades financeiras, pois são recursos de baixo valor, mas de grande efeito motor.

✎ Ainda dentro da promoção de oportunidades para o crescimento, os autores já citados fazem mais uma colocação importante para ser considerada no que diz respeito ao movimento: a estimulação dos sentidos. Para eles “os sentidos funcionam com base em movimentos ambientais” (DAVID & WEINSTEIN, In OLIVEIRA: 1996:111). Recomendam prioritariamente a prática das atividades nos espaços abertos, pois a presença de brisas, sons e odores da natureza, estimulam as sensações, ajudando a promover sentimentos de conforto e atitudes descontraídas, desde que o professor explicita estes conceitos às crianças.

As estimulações sensoriais devem ser bem variadas (audição, olfato, visão, tato e paladar) motivando a criança para a aprendizagem.

4.3 O MOVIMENTO E O PROFESSOR

GALLARDO, OLIVEIRA e ARAVENA (1998: 55), relatam ser comum encontrar profissionais com formação precária nas escolas de Educação Infantil. Citam Malta Campos e colegas que concluem que “quanto menor o educando, menor o nível de qualificação exigido do profissional”. Não restam dúvidas de que um profissional chamado de atendente, babá ou tia não esteja preparado para garantir às crianças com quem trabalha o seu global desenvolvimento e a promoção da aprendizagem. Se a via de acesso ao mundo da criança pequena é o corpo, quanto mais

experiências motoras ela vivenciar maior será sua mobilidade, flexibilidade, agilidade e autonomia. O movimento é o alicerce para a mielinização e os profissionais que atuam com crianças deveriam saber disso e ter sua atuação voltada para isso.

Se os próprios cursos de formação de professores não dão a ênfase necessária para este dado tão importante do desenvolvimento infantil, o que se dirá daqueles que não passaram por nenhuma preparação. Talvez seja por isso que as instituições de Educação Infantil ainda tentam continuar com uma postura assistencialista de atendimento. Faltam profissionais preparados para garantir um trabalho com qualidade que não se limite apenas aos “cuidados” com a criança. Neste aspecto é importante fazer uma análise política. A ausência de profissionais habilitados para trabalhar em instituições de Educação Infantil é muito menos um indicador de ausência desses profissionais e muito mais um indicador de uma concepção de descompromisso com a educação da criança. Em espaços privados revela uma mercantilização deste serviço, pagando-se pouco a profissionais pouco ou nada habilitados, maximizando o lucro. Em espaços públicos revela um poder público descompromissado de suas obrigações, não investindo nas políticas públicas para a infância.

Concordo inteiramente com FONSECA (1998: 270) quando ele aborda a necessidade de preparar o professor com um mínimo de instrumentos que lhe permita apropriar-se de competências científico-pedagógicas, valorizando as condições da sua atividade e otimizando o potencial de aprendizagem dos seus educandos.

A revisão bibliográfica neste trabalho aponta para um conceito diferente de movimento dentro do desenvolvimento infantil e relata sua importância para o desenvolvimento da aprendizagem. Se aos professores de Educação Infantil fosse oportunizada a apropriação deste conhecimento, com toda certeza modificariam sua visão tanto da educação, quanto do educando. Mas a realidade é que os nossos professores não chegam às salas de aulas tão preparados assim.

A nova legislação de educação contribuiu muito no sentido de superar esta precariedade quando exigiu formação de nível superior para a atuação dentro de sala de aula (L.D.B./ 96 art. 62º). Mas mesmo esta formação não garante que dentro das quatro paredes das salas de aula isto vá realmente acontecer. Além das instituições formadoras, a própria instituição de ensino pode contribuir para que seus

professores adquiram estas competências citadas por Fonseca tão importantes para desenvolver um trabalho de qualidade.

A existência de reuniões sistemáticas, de preferência mensais, e de semanas pedagógicas no começo e no meio do ano, bem como um plano sistemático de formação continuada, podem subsidiar o trabalho do professor no que diz respeito à conscientização, elaboração de objetivos, à definição de procedimentos, estratégias e atitudes e ao encaminhamento da forma de avaliação do trabalho como um todo. Estas ações de formação podem ser ministradas pelo diretor ou coordenador pedagógico ou ainda quando há, psicólogo ou psicopedagogo da instituição e quando possível, envolvendo profissionais de fora da escola.

Os assuntos abordados podem ser iniciados pelo desenvolvimento psicomotor, articulando-se teoria e prática com idéias para serem utilizadas no dia-a-dia da escola, mas sempre subsidiados por uma concepção de educação que considere a criança em suas dimensões social, intelectual, afetiva e física. A partir de um entendimento mais aprofundado do assunto as reuniões podem dar espaço para a elaboração de projetos e estratégias que poderão constar como conteúdos para o ano seguinte.

Segundo VEIGA (1995:19 e 20):

... a qualidade do ensino ministrado na escola e seu sucesso na tarefa de formar cidadãos capazes de participar da vida socioeconômica, política e cultural do país relacionam-se estreitamente a formação (inicial e continuada). A formação profissional implica também, a indissociabilidade entre a formação inicial e a formação continuada .

Embora a formação continuada seja um direito de todos os profissionais que trabalham numa instituição de ensino, pouco se sabe de escolas que garantam este direito aos seus professores. Há um pensamento extremamente egoísta de que é um desperdício promover o aperfeiçoamento dos professores já que quando mudam de emprego levam o que aprenderam com eles. Neste caso, pensa-se apenas na questão individual financeira e em nenhum momento pensa-se no alcance social que esta formação pode abranger. Quantas crianças irão se beneficiar com estes conhecimentos? O que o nosso país ganha com este conhecimento?

E ao final de todo este processo de formação, as reuniões podem servir para se elaborar o Projeto Político Pedagógico da instituição, compreendido como a

própria organização do trabalho pedagógico da escola como um todo, já incluindo a nova visão do movimento dentro da escola de Educação Infantil.

Toda escola dever ter definida, para si mesma e para sua comunidade escolar, uma identidade e um conjunto orientador de princípios e de normas que permeiem a ação pedagógica cotidiana. O Projeto Político Pedagógico inicia-se a partir de um ideal e caminha, passo a passo, até transformar-se em realidade. E é na escola o lugar onde se concebe, se realiza e se avalia o projeto educativo através dos seus educandos.

Saber elaborar um planejamento é outra condição para que o movimento possa ser resgatado enquanto fundamental para que a criança interiorize conceitos. Wallon (In FONSECA & MENDES, 1987: 28) diz que é a manipulação que promove o conhecimento. Sendo assim cabe aos professores proporcionarem o máximo de atividades onde a criança possa vivenciar com os sentidos os conteúdos adequados para a sua faixa etária.

O homem, ao prolongar-se e amplificar-se em corpos artificiais, através da sua capacidade motora criadora, foi capaz de transformar a natureza e transformar a sua própria natureza, por meio, obviamente, de adaptações filogenéticas irreversíveis. Como educadores, devemos facilitar à criança, a apropriação de tais adaptações, como que reaprendendo o espelho da evolução histórica da humanidade... A função da transmissão cultural de uma geração para as outras é uma função social que é decisiva, porque distinta da nossa espécie, uma vez que, em termos motores, há uma característica que nos distingue das outras espécies, é que há comportamentos (aquisições motoras) que só aprendemos com seres da nossa espécie e que não podemos aprender com outros animais porque não repartimos essas capacidades com mais nenhuma forma de vida. Essa característica social específica da motricidade nos seres humanos é aquela que definimos como psicomotricidade em termos gerais. (FONSECA, 1995: 297)

O conhecimento é um bem extrabiológico contido no grupo onde o ser humano irá evoluir. Assim sendo, a sociedade determina o desenvolvimento humano, portanto, a sua inteligência. Está na mão do professor mediar as relações sociais das crianças com as quais trabalha e assim propiciar que a sua inteligência possa emergir.

Uma sugestão para um projeto a ser desenvolvido com crianças entre 0 e 6 anos é o “Resgate das Brincadeiras Antigas”. Com uma pequena pesquisa que pode até ser feita entre os pais dos alunos surge uma lista das brincadeiras preferidas que entretinham as crianças de anos passados. Se quisermos ampliar este projeto, outra pesquisa pode ser feita para descobrirmos as preferências infantis das várias regiões brasileiras. Pesquisando em bibliotecas o professor será capaz de traçar as

diferentes denominações que recebem as mesmas brincadeiras, as origens das brincadeiras trazidas pelos imigrantes na época do descobrimento e sugerir às crianças que o acompanhem nesta descoberta. De posse deste material, cada turma poderá escolher algumas brincadeiras para que junto com a professora aprendam como é. Esta é uma maneira lúdica de se abordar o movimento além de estar resgatando historicamente a nossa cultura folclórica.

“É grande o volume de jogos e brincadeiras encontradas nas diversas culturas que envolvem complexas seqüências motoras para serem reproduzidas, propiciando conquistas no plano da coordenação e precisão de movimentos” (RCN 3º vol: 24).

“As brincadeiras que compõem o repertório infantil e que variam conforme a cultura regional apresentam-se como oportunidades privilegiadas para desenvolver habilidades no plano motor...” (RCN, 3º vol: 25).

4.4 O MOVIMENTO E A FAMÍLIA

Presencia-se atualmente uma significativa quantidade de famílias pouco participativas do âmbito escolar. Um dos motivos desta conduta de pouco interesse com a educação pode ser o fato de os pais se manterem por muito tempo ocupados com o seu trabalho. Depositam a responsabilidade da educação dos seus filhos à escola exigindo muito daquilo que eles acham ser o importante para o desenvolvimento intelectual dos mesmos. Aulas de inglês, informática, ballet, judô além de muitas, mas muitas atividades no papel e uma alfabetização precoce, são os requisitos mais procurados nas instituições de Educação Infantil. Poderíamos nos questionar do porque é que para estes pais o movimento não seja fator preponderante para a educação dos seus filhos. E a resposta provável é porque há um desconhecimento a respeito da sua importância para o desenvolvimento infantil. É provável que qualquer pai, se soubesse que o movimento é fator de mielinização, iria exigí-lo como parte integrante da educação dos seus filhos. Sendo assim, a função da escola é de informá-los a este respeito.

Textos informativos podem ser uma opção. Uma vez por semana o Diretor ou o Coordenador podem elaborar textos com uma linguagem acessível que informem sobre o assunto. Esclarecer o quanto o movimento sob a forma de jogos,

brincadeiras, danças, mímicas, etc, é importante para o desenvolvimento da aprendizagem.

Outra opção que também objetiva o esclarecimento da importância do movimento no desenvolvimento global da criança é a programação de reuniões de pais e mestres onde de forma prática, através de vivências, os pais possam presenciar isto. Uma reunião antes do começo do ano letivo pode ser providencial para que os pais venham a compreender como é que se procede no trabalho pedagógico junto com a criança. Esta reunião deve ser bem preparada e com antecedência, prevendo o melhor horário para o seu acontecimento para que consigamos um grande número de participantes. Uma boa opção de horário é o final de tarde. Os pais podem estar na escola um pouco antes do seu término e as crianças podem permanecer com uma professora para que seus pais participem com certa tranqüilidade desta reunião. Com isto estamos eliminando dois grandes empecilhos para que elas ocorram: falta de tempo e de alguma pessoa que tome conta de seus filhos durante a reunião.

Não se deve deixar de considerar que há uma parcela muito grande da população de baixa renda, cujas características familiares, decorrentes dos fatores econômicos precários, adquirem outra conformação. Famílias onde a impossibilidade de participação na educação escolar dos filhos, se dá pela sobrecarga de responsabilidades associadas à ausência de condições materiais, juntando-se ainda a baixa escolaridade e precários conhecimentos sobre a infância. Nestes casos o trabalho com as famílias toma outra configuração. Há a necessidade de uma proposta que envolva inclusive o trabalho de assistentes sociais, porém sem um cunho assistencialista e sim emancipatório.

A escolha do tema (conteúdo) deve ser criteriosa. Temas acessíveis para pessoas com menos informações é uma atitude de respeito da escola. Para famílias de nível de informação mais elevado pode-se escolher temas mais complexos. Este cuidado deve ser tomado já que a reunião requer a participação dos pais e o objetivo não é constrangê-los. Quando bem preparados, os professores de turma podem estar proferindo esta reunião. Esta atitude garante que os pais se aproximem da professora antes mesmo da criança criando um vínculo afetivo favorecido pela atividade descontraída, além de promover a segurança dos pais em relação ao trabalho do professor. Tomemos como exemplo o conteúdo matemático dentro e fora

para o nível de 2 a 3 anos. Demonstraremos aos pais como é que estas crianças irão compreender este conteúdo. A atividade inicia-se através de uma conversa do professor com os alunos (pais) de como é que vai decorrer a atividade. É claro que ela será exatamente como se fosse com as crianças e que o objetivo é que eles venham a compreender um pouquinho mais sobre o que se passa ali dentro. Na sala podem haver várias caixas de supermercado e a primeira orientação pode ser que eles brinquem com estas caixas como se fossem crianças. Conforme os pais vão se expressando a professora vai fazendo colocações e participando da brincadeira criada por eles. Em seguida a professora os convida a realizar uma outra brincadeira, esta com comando. Ao som de uma música os pais como se fossem as crianças, devem ir dançando e quando a professora disser: dentro, todos deverão entrar nas caixas de supermercado e continuar a dançar. Logo após ela pode dizer: fora, e todos deverão sair de suas caixas e continuarem a andar e a dançar pela sala. Para averiguar se todos estão prestando realmente atenção em seu comando ela pode dizer duas vezes em seguida o mesmo comando o que torna a brincadeira divertida pois muitos geralmente se enganam. Ao final desta atividade a professora pode sugerir que todos deitem no chão e com uma música bem tranqüila desenvolver um relaxamento até que a respiração retorne ao normal. Este relaxamento pode ser dirigido com a professora nomeando as partes do corpo que devem estar sendo relaxadas. Logo depois, os pais podem ser convidados a se sentarem nas mesinhas e para eles será entregue a folha de atividades na qual farão o registro do conteúdo vivenciado naqueles instantes. Nesta folha pode ter desenhado um recipiente ou até mesmo uma ou duas caixas onde eles deverão colar barbante dentro de uma delas e papel picado fora de outra.

A parte principal da reunião é sem dúvida o fechamento onde a professora explicará o porque de todas estas estratégias utilizadas e deixará claro que para a criança compreender o conceito dentro e fora ela deve primeiramente vivenciá-lo no próprio corpo (concreto) para que nele fique registrado e assim ela possa compreendê-lo no papel (abstração).

Procurou-se dar uma pequena noção de como podemos abordar este tema tão fascinante e ter os pais como nossos aliados. Fazê-los compreender que o brincar e o movimentar-se da criança na companhia dos colegas e da professora são

parte integrante e fundamental do nosso trabalho e que somente assim estarão estruturando seu desenvolvimento global.

Uma outra maneira de podermos estar passando a importância do trabalho corporal é propormos algumas atividades diferenciadas para datas comemorativas tais como: Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das crianças, etc. Nestas datas pode-se encaminhar atividades lúdicas com ênfase no movimento, que envolvam as famílias dos alunos, fugindo-se da tradicional organização de apresentação dos alunos a uma platéia estática. Isso fortalecerá os vínculos afetivos familiares, mas também proporcionará uma aprendizagem por parte dos pais em como promover momentos de lazer educativos para seus filhos.

Na subseção o movimento e o professor, sugeri o projeto “O resgate às brincadeiras antigas” e este tema poderá ser aproveitado para estas datas. Nada mais gostoso do que passar alguns momentos ao lado do seu filho participando de brincadeiras e jogos. Isto aproxima pais e filhos e dá uma noção de que não é necessário dinheiro para se compartilhar momentos felizes ao lado deles, embora a mídia insista em afirmar o contrário. Falo das propagandas das grandes empresas de “fast food”, “shoppings”, etc. Damos uma oportunidade aos pais de descobrirem que se movimentar com os filhos é mais prazeroso que ir ao shopping, além do resgate à cultura, pois as brincadeiras folclóricas estão sendo esquecidas em prol dos jogos eletrônicos. Além disso, a exclusão social de grande parte da população destes itens de consumo, requer outras formas de promover a relação familiar. Novamente aqui cabe uma reflexão em relação a famílias de baixa renda, onde este universo de consumo é inacessível, e sua realidade de lazer é muito distante disso, quando há.

Além disso não se pode esquecer que nas creches públicas, por exemplo, uma grande parcela dessa população a constituição familiar muitas vezes é monoparental, onde somente a mãe assume as funções de pai e mãe, com uma prole imensa, exercendo um trabalho para a sobrevivência de sua que não lhe permite afastar-se de suas atividades. Dentro dessa realidade, torna-se necessário pensar em estratégias de aproximação da família à escola que não se limitem à reuniões ou cursos, mas que envolvam visitas domiciliares.

5 CONCLUSÃO

Através do estudo concluído pode-se compreender que a motricidade humana não é uma função natural do organismo, mas uma característica decorrente da evolução biossocial do homem (WALLON, In FONSECA, 1995; 48). Vygotsky reafirma esta constatação de Wallon quando cita: “O desenvolvimento mental da criança não é uma simples maturação dos instintos naturais; ele desdobra-se no processo da atividade objetiva e na comunicação com os adultos, onde estão contidas a práxis e a linguagem humana.” (In FONSECA, 1995;49). Assim, cabe ao corpo docente conscientizar-se da importante tarefa que tem nas mãos e compreender a educação como algo mais amplo que a simples transmissão de conhecimentos. Está nas mãos da sociedade como um todo e do professor como representante direto dela, o desenvolvimento integral da criança até 6 anos de idade, em seus aspectos, físico, afetivo, intelectual e social...” (LDB nº 9394/96, artigo 9). Para tanto é necessário tomar a criança, sujeito da educação, como ser global e compreender que seu desenvolvimento se dá pela interação dessas dimensões, e que portanto, todas elas (e não somente a intelectual), são do interesse da educação. Cabe assim, à Educação Infantil, comprometer-se em favorecer a aprendizagem dinâmica da criança, através de uma prática que possibilite o desenvolvimento integral do seu ser.

Segundo a visão antropológica do FONSECA (1995: 294), é através do corpo que se estabelecem as relações mais íntimas de amor entre mãe e filho e esta relação produz efeitos de maturação no sistema nervoso que vão estruturar o desenvolvimento psicomotor e a aprendizagem. O ser humano nasce com uma relação inconclusa entre o corpo e o cérebro e através do desenvolvimento da motricidade vai havendo uma maior comunicação que terá como conseqüência novas capacidades, habilidades, etc. É no corpo, através de seu atuar sócio-histórico no mundo, que se inicia a maturação e o desenvolvimento, sendo pré-requisito da organização do cérebro e o pré-requisito da gênese da identidade.

Segundo Fonseca, há crianças que aos seis ou sete anos não desenvolveram a função do cerebelo e a função vestibular. Exatamente pelo motivo que já mencionei como minha preocupação, na justificativa desta monografia. A

sociedade está a “roubar” o espaço da criança reduzindo sua experiência motora essencial mediada pelas relações sociais.

Portanto, no presente estudo pode-se afirmar que estamos privando a criança das condições adequadas ao desenvolvimento de sua socialidade histórica, pois a motricidade é um dos alicerces da psicomotricidade, e esta, uma base para a socialidade.

O movimento é um instrumento de ação sobre o mundo físico e social, que é aprimorado conforme as oportunidades que se oferecem à criança de explorar o espaço, manipular objetos, estabelecer relações sociais, realizar atividades diversificadas e desafiadoras.

Para que este projeto se viabilize é necessário dotar o professor com um mínimo de instrumentos que lhe permitam o seu inteiro envolvimento nesta tarefa. Ele deve apropriar-se de competências científico-pedagógicas que permitam valorizar as condições da sua atividade e otimizar o potencial de aprendizagem dos seus educandos.

“A significação da palavra evolui com a maturidade motora e com a corticalização progressiva. É pelo movimento que a criança integra a relação significativa das primeiras formas de linguagem (simbolismo). É pelo aspecto motor que a criança reivindica uma porção de espaço através do qual estabelece os primeiros contatos com a linguagem socializada. As noções de aqui e ali, de esquerda e direita, de frente e atrás, de em cima e embaixo, de dentro e fora, etc, são fundamentais para a orientação do ser humano, no sentido da sua autonomia e da sua independência” (FONSECA 1998:264). E a época em que estas aquisições motoras surgem tem repercussões importantes no desenvolvimento intelectual, afetivo e social da criança. E o nível de tolerância do adulto e de aceitação social face aos movimentos e às descobertas espaço-temporais tem uma grande importância na formação da auto-imagem e na autoconfiança, que desempenham relevância crucial no desenvolvimento posterior da personalidade da criança.

O que não podemos esquecer é que foi pelo movimento (como aprendizagem histórico social) que o homem atingiu o bipedismo (como exclusivo) para libertar as mãos para o trabalho, terreno concreto onde veio a descobrir e a edificar a linguagem, com a qual, por sua vez, pôde assimilar o saber teórico e prático da própria sociedade.

Enfim, podemos concluir: a educação é algo muito maior que a mera transmissão de conhecimentos. E o movimento, algo mais que o mero deslocamento no espaço.

REFERÊNCIAS

BRASIL – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394)

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – Brasília: MEC SEF, 1998.

BUENO, J. M. Psicomotricidade Teoria & Prática. Estimulação, educação e reeducação psicomotora com atividades aquáticas. São Paulo: Lovise, 1998.

FONSECA, V. da. **Manual de Observação Psicomotora.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FONSECA, V. da. **Psicomotricidade: Filogênese, Ontogênese e Retrogênese.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FONSECA, V. da e MENDES, N. **Escola, escola, quem és tu.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

GALHARDO, J. S. P. & OLIVEIRA, A. A. B. de & ARAVENA, C. J. O. **Didática da Educação Física. A criança em movimento. Jogo, prazer e transformação.** São Paulo: FTD, 1998.

OLIVEIRA, Z. de M. R.de. (org.) **Educação infantil: muitos olhares.** São Paulo: Cortez, 1996.

VEIGA, I. P. A. **Projeto Político Pedagógico da Escola: uma construção possível.** São Paulo: Papyrus, 1995.